



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v18i1.64493>

Revista Trágica

Volume 18 - Número 01 ISSN 1982-5870

Da dignidade da pessoa humana e das despersonalizações: a partir de Spinoza, Deleuze e Guattari

*On human dignity and depersonalizations: from Spinoza, Deleuze and
Guattari*

Luiz Manoel Lopes  

Professor de filosofia da Universidade Federal do Cariri,
Juazeiro do Norte, CE, Brasil. Contato: manoel.lopes@ufca.edu.br

Resumo: O estudo traz as tensões em torno das questões que envolvem a preservação da pessoa humana e seu valor conforme as considerações de Kant e os posicionamentos de Deleuze-Guattari acerca das despersonalizações, principalmente quando tratamos dos processos de desbloqueio das singularidades em meio ao capitalismo e de suas redes esquizofrênicas.

Palavras-chaves: Deleuze, Guattari, Kant, despersonalização, capitalismo, esquizofrenia.

Abstract: The study raises tensions around issues involving the preservation of the human person and its value according to Kant's considerations and Deleuze-Guattari's positions on depersonalization, especially when we deal with the processes of unlocking singularities in the midst of capitalism and its schizophrenic networks.

Keywords: Deleuze, Guattari, Kant, depersonalization, capitalism, schizophrenia.

Introdução

As motivações destes estudos caminham em decorrência do que Gilles Deleuze (1925-1995) sublinha em relação à despersonalização. As nossas considerações possuem como alvos os tratamentos que dispensaremos em relação aos três tipos de despersonalizações. Portanto, em nossa pesquisa apresentaremos as nuances em torno das más, das boas e das estranhas despersonalizações.

Os casos de despersonalizações são aqueles em que nas situações de convívios sociais nos deparamos com circunstâncias em que os indivíduos passam a entrar em processos de dissociações. Em nossas considerações, encontraremos remissões aos modos de convívios sociais em que as pessoas são distintas entre si por manterem a dignidade humana. No entanto, podemos atestar que atualmente existem casos em que as pessoas somente aparentam possuir dignidade.

Em nossos convívios diários, principalmente quando esses se dão na maioria das vezes não no presente do tempo, em que os indivíduos e pessoas podem se ver de frente umas para as outras, o que não quer dizer que seja uma vantagem, podemos encontrarmo-nos em situações de não conseguirmos distinguir quem realmente age como uma pessoa e quem simula. Os critérios seletivos que adotaremos nas remissões às três modalidades de despersonalizações serão encaminhadas pelo que Gilles Deleuze trabalha em relação a liberdade a partir da *Ética*, de Baruch Spinoza (1632-1677). As nossas distinções filosóficas, entre os modos de existência daqueles que se orientam a pensar e a agir a partir das leituras da *Ética* de Spinoza, e aqueles que dispendem recursos para que suas condutas sigam o que Kant afirmara em torno da *Metafísica do Costumes*, serão imprescindíveis para deslindarmos sobre um tipo de despersonalização que envolve o caso da dançarina Sharon Stern.¹

Na maioria das vezes em meio às conversas e diálogos, podemos assegurar que as pessoas, que se encontram umas ao lado das outras ou até mesmo umas de frente para as outras, não possuem nada que indique que são pessoas que agem com dignidade ou que simulem. Como podemos selecionar os meios para adentrarmos em nossos propósitos de apresentarmos considerações em torno das três modalidades de despersonalizações?

As nossas questões trazem problemas que remetem às discussões sobre o tema da liberdade não somente em relação ao que Gilles Deleuze considera sobre o modo de Baruch Spinoza pensá-la. Em nossas afirmações aparecem aspectos em que procuramos descrever detalhes dos convívios sociais em meio as redes sociais digitais. As multiplicidades de conversas, que são veiculadas diariamente nas plataformas digitais, não nos fornecem absolutamente nenhuma garantia que confirme que as pessoas possuam uma identidade e que estão em pleno exercício de sua racionalidade. As questões que se apresentam caminham em direção ao domínio dos atos de gerar sentidos que diminuem a relevância dos afetos face ao predomínio da razão. As distinções entre *pathos* e *Logos* nos permitem fazer menções aos domínios em que as paixões ganham

¹ Ao tratarmos das tipologias de despersonalizações abordaremos as experimentações da dançarina Sharon Stern com a dança Butoh e suas relações conflituosas com a prática da dissolução do ego.

estatuto de inferioridade face ao *Logos*. A partir desses domínios, encontraremos os casos das psicopatologias. As despersonalizações passam a ser associadas aos processos de dissociações em que os indivíduos vivem apartados e alienados dos convívios sociais.

As tensões que buscamos sublinhar, ao tratarmos dos convívios sociais no século XXI, principalmente quando vivemos em contato através das mídias digitais, remetem aos crescentes processos de despersonalizações, os quais nos levam a problematizar os costumes a partir das divergências entre a visão ética do mundo de Spinoza e aquela que remete para a visão moral kantiana.

Gilles Deleuze nos orienta quando destaca, nos seus escritos intitulados *Conversações*, uma correspondência com Michel Cressole, “Carta a um crítico severo”, a relevância da despersonalização a partir da experimentação filosófica. Quais são os sentidos de despersonalizações que queremos abordar aqui neste artigo? As boas, as más e as estranhas despersonalizações.

Em nossa posição, consideramos que a época em que vivemos requer que admitamos que a tônica dada por Kant, em relação à dignidade da pessoa humana, já não tem o mesmo sentido que em sua época. As nossas relações de convívio dentro do sistema capitalista são inseparáveis dos processos que levam à esquizofrenia. O avanço das tecnologias digitais trouxe retrocessos inimagináveis, em termos de convívios sociais, pois as relações entre as novas modalidades de afetividades e subjetividades entram em fricção com os valores defendidos por conservadores em seus extremismos de direita.

Para compreendermos a época em que vivemos, somos levados às fricções em torno do que Kant denomina “dignidade da pessoa humana” e do que Deleuze e Guattari pensam sobre a despersonalização, a partir do livro escrito em conjunto pelos dois franceses cujo título é *Kafka: Por uma literatura menor*. De início, buscamos sublinhar que, para Spinoza, a conquista da liberdade ocorre a partir das variações entre paixões. Kant, por sua vez, afirma que a liberdade somente pode ser alcançada pela boa ação. Spinoza considera que jamais conseguimos agir sem antes sermos afetados. Ora, os afetos são inicialmente divididos em paixões tristes e alegres. Spinoza continuamente afirma que não podemos exercer uma ação boa sem antes sermos afetados. Como podemos pensar a dignidade da pessoa humana e as despersonalizações sem levarmos em conta as discussões em torno de nossa época, em que algumas paixões são classificadas enquanto patologias? Como podemos pensar as relações entre Kant, Deleuze e Guattari sem nos conectarmos com Spinoza em torno dos afetos e com Nietzsche ao nos indagarmos: como fazer filosofia sem submissão à história da filosofia? Como podemos compreender os variados sentidos de despersonalizações? As referências em relação a Nietzsche remetem ao que Deleuze e Guattari afirmam em relação a experimentação filosófica. Vejamos uma citação de Deleuze e Guattari que nos possibilita compreendermos as distinções entre experimentações filosóficas e história da filosofia.

A utopia não é um bom conceito porque, mesmo quando se opõe à História, refere-se a ela ainda e se inscreve nela, como um ideal ou como uma motivação. Mas o devir é o próprio conceito. Nasce na História, e nela recai, mas não pertence a ela. Não tem em si mesmo nem início

nem fim, mas somente um meio. Assim, é mais geográfico que histórico. Tais são as revoluções e as sociedades de amigos, sociedades de resistência, pois criar é resistir: puros devires, puros acontecimentos sobre um plano de imanência. O que a História capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisas ou no vivido, mas o acontecimento em seu devir, em sua consistência própria, em sua autopoisição como conceito, escapa à História.²

As experimentações, tanto as filosóficas quanto as artísticas, são consideradas em nossas pesquisas como aquelas que não sinalizam que tudo desembocará bem e de modo perfeito. Há circunstâncias em que podem aparecer reveses e as experimentações se tornarem estranhas despersonalizações. Há casos cotidianos, em que vemos as más despersonalizações acontecerem por meio do que se chama produção de falsas identidades, onde as pessoas são utilizadas como meios para atingir fins que não passam de golpes e fraudes econômicas. As relações entre indivíduos e pessoas em seus convívios sociais são inteiramente problemáticas. A partir da citação de Deleuze e Guattari a seguir, podemos atestar como as experimentações de fazer filosofia na imanência consistem em tarefas que beiram às variações entre perspectivas que sinalizam para os aspectos otimistas, pessimistas e trágicos:

Os tipos psicossociais são históricos, mas os personagens conceituais são acontecimentos. Ora envelhecemos segundo a História, e com ela, ora nos tornamos velhos num acontecimento muito discreto (talvez o mesmo acontecimento que permite colocar o problema "o que é a filosofia?"). E é a mesma coisa para os que morrem jovens, há muitas maneiras de morrer assim. Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo – o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela. O que se está fazendo não é o que acaba, mas menos ainda o que começa. A história não é experimentação, ela é somente o conjunto das condições quase negativas que tornam possível a experimentação de algo que escapa à história. Sem história, a experimentação permaneceria indeterminada, incondicionada, mas a experimentação não é histórica, ela é filosófica.³

As referências que fazemos em relação a Nietzsche podem ser atestadas quando da segunda dissertação de sua *Genealogia da Moral*.⁴ Encontramos as suas afirmações em

² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 142.

³ Idem, p. 125.

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. "2. Esta é a longa história da origem da responsabilidade. A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e portanto confiável. O imenso trabalho daquilo que denominei 'moralidade do costume' (cf. Aurora, § 9, 14, 16)² – o autêntico trabalho do homem em si próprio, durante o período mais longo da sua existência, todo esse trabalho pré-histórico encontra nisto seu sentido, sua justificação, não obstante o que nele também haja de tirania, dureza, estupidez e idiotismo: com ajuda da moralidade do costume e da camisa de força social, o homem foi realmente tornado confiável. Mas coloquemo-nos no fim do imenso processo, ali onde a árvore finalmente sazona seus frutos, onde a sociedade e sua moralidade do costume finalmente trazem à luz aquilo para o qual eram apenas o meio: encontramos então, como o fruto mais maduro da sua árvore, o indivíduo soberano, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade

relação ao aspectos sazonais da arvores da cultura pelos quais aparecem os indivíduos soberanos. Os tema da moralidade dos costumes como precedendo à história universal nos faz entrar nas aproximações que Deleuze sublinhou: os pontos de vistas tanto de Spinoza quanto de Nietzsche em relação à potência dos afetos.

Dos afetos e afecções

O tratamento que dispensaremos aos afetos e afecções é um ponto de sustentação para o que problematizaremos em torno das modalidades de despersonalizações. Os nossos movimentos em relação aos temas que envolvem autonomia e liberdade serão apresentados mediante o que consideramos como uma noção comum entre Spinoza, Deleuze e Guattari: a noção de “afetos”; esse conceito é imprescindível para pensarmos uma filosofia da e na imanência.⁵ A imanência aqui não é utilizada como aquilo que está localizado no sujeito face à transcendência dos objetos situados na exterioridade. A imanência aqui passa a ser pensada como Deleuze a situa em distinção às hierarquias promovidas por Descartes. O pensamento não teria a primazia de ser localizado no sujeito enquanto substância distinta daquela do mundo visto enquanto pura extensão, a ponto de poder ser ordenada e medida. A imanência em Spinoza se constitui como uma substância, enquanto realidade complexa, a qual se expressando por multiplicidades de atributos infinitos, sustenta as modulações, as mudanças, que ocorrem nas variações, por exemplo, dos atributos pensamento e extensão, nos quais aparecem, no caso, dos seres humanos, como multiplicidades de corpos e mentes.

Vejamos o que, de início, encontramos no *Tratado Político* de Spinoza:

Os filósofos concebem os afetos com que nos debatemos como vícios em que os homens incorrem por culpa própria. Por esse motivo, costumam rir-se deles, chorá-los, censurá-los ou (os que querem parecer os mais santos) detestá-los. Creem, assim, fazer uma coisa divina e atingir o cume da sabedoria quando aprendem a louvar de

do costume, indivíduo autônomo supramoral (pois ‘autônomo’ e ‘moral’ se excluem), em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, que pode fazer promessas — e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização. Este liberto ao qual é permitido prometer, este senhor do livre-arbítrio, este soberano — como não saberia ele da superioridade que assim possui sobre todos os que não podem prometer e responder por si, quanta confiança, quanto temor, quanta reverência desperta — ele ‘merece’ as três coisas — e como, com esse domínio sobre si, lhe é dado também o domínio sobre as circunstâncias, sobre a natureza e todas as criaturas menos seguras e mais pobres de vontade?”.

⁵ DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. 1a ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p.113. A imanência implica, por conta própria, uma pura ontologia, uma teoria do Ser onde o Uno é apenas a propriedade da substância e daquilo que é. Mais do que isso, a imanência no estado puro exige o princípio de uma igualdade do ser ou a posição de um Ser-igual: não apenas o ser é igual em si, mas também aparece igualmente presente em todos os seres. E a Causa, está igualmente próxima, em toda a parte: não existe causa distante. Os seres não são definidos pelo seu lugar em uma hierarquia, não são nem mais nem menos distanciados do Uno, mas cada um deles depende diretamente de Deus, participando da igualdade do ser, recebendo imediatamente tudo aquilo que pode receber, de acordo com a aptidão da sua essência, independentemente de qualquer proximidade e de qualquer distanciamento.

múltiplos modos uma natureza humana que não existe em parte alguma e a fustigar com sentenças aquela que realmente existe.⁶

As discussões em torno dos afetos, pelas vias assinaladas por Spinoza, nos levam em direção ao que Gilles Deleuze nos faz apreciar em relação aos processos de seleção que orientam os modos de existência éticos. Mediante tais aproximações podemos vislumbrar os modos de atuações dos que se pautam em fazer filosofia pela imanência e aqueles que defendem a transcendência. Deleuze em seu artigo “Platão, os gregos” assinala:

Qualquer reação contra o platonismo é um reestabelecimento da imanência em sua extensão e em sua pureza, que proíbe o retorno de um transcendente. A questão é saber se tal reação abandona o projeto de seleção dos rivais, ou, ao contrário, como acreditavam Spinoza e Nietzsche estabelece métodos de seleção inteiramente diferentes: estes não incidem sobre as pretensões como atos de transcendência, mas sobre a maneira pela qual o existente se enche de imanência (o Eterno Retorno, como a capacidade de alguma coisa ou de alguém de retornar eternamente). A seleção não recai sobre a pretensão, mas sobre a potência. A potência é modesta, contrariamente à pretensão. Na verdade, só escapam ao platonismo as filosofias da imanência pura: dos estoicos a Spinoza ou Nietzsche.^{7 8}

Em decorrência da citação acima, os propósitos do artigo vão de encontro aos modos de elaboração de filtros e crivos para que possamos selecionar os tipos despersonalizações. A visão ética do mundo implica em exercícios finos de seleções das potências. A partir da citação acima, faremos encaminhamentos em relação ao modo de Kant pensar a metafísica dos costumes, justamente para sublinharmos como o filósofo de Königsberg não busca a necessidade do que acontece e sim do que poderia acontecer, no sentido de manter a afirmação da primazia da Lei Moral enquanto Vontade que somente deseja a si mesma. Nos serviremos da citação de um autor que se debruçou exaustivamente em torno do modo como Kant procurou fundamentar a sua moral:

O “proton pseudós” [primeiro passo em falso de Kant] está no seu conceito da própria ética que encontramos exposto do modo mais claro (p. 62): “Numa filosofia prática não se trata de dar fundamentos daquilo que acontece, mas leis daquilo que deve acontecer, mesmo que nunca aconteça”. Isto já é uma “*petitio principii*” [petição de princípio] decisiva. Quem nos diz que há leis às quais nossas ações devem submeter-se? Quem vos diz que deve acontecer o que nunca acontece? O que vos dá o direito de antecipá-lo e logo impor uma ética na forma legislativo-imperativa como a única para nós possível? Digo, contrapondo-me a Kant, que em geral tanto o ético quanto o filósofo têm de contentar-se com a explicação e com o esclarecimento do dado, portanto com o que é, com o que acontece realmente, para chegarem ao

⁶ SPINOZA, Baruch, *Tratado Político*, tradução, introdução, notas Diogo Pires Aurélio, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 4-5.

⁷ DELEUZE, Gilles. Platão, os gregos in DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 154

⁸ *Ibidem*.

seu entendimento, e que eles aí têm muito que fazer, muito mais do que foi feito desde há séculos até hoje.⁹

As distinções que procuramos fazer, entre a visão ética do mundo de Spinoza e a visão moral de Kant, solicita uma ligeira recapitulação do Prefácio da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*:

A antiga filosofia grega repartia-se em três ciências: a Física, a Ética e a Lógica. Esta divisão está inteiramente de acordo com a natureza das coisas, nem temos que introduzir-lhe qualquer espécie de aperfeiçoamento, a não ser acrescentar o princípio em que ela se baseia, para que desse modo possamos, por um lado, possuir a certeza de ela ser completa e, por outro lado, determinar com exatidão as subdivisões necessárias. Todo conhecimento racional é ou material e refere-se a qualquer objeto, ou formal e ocupa-se exclusivamente com a forma do entendimento e da razão, um e outro em si mesmos considerados, e com as regras universais do pensamento em geral, sem distinção de objetos.¹⁰

A divisão tripartite de Kant, elaborada desde os antigos filósofos estoicos, – provavelmente a citação acima deriva da pena de Diógenes Laercio em seu livro *A Vida dos Filósofos Celebres* – traz indicações das depurações entre o material e o formal; o empírico e o transcendental.

A filosofia formal denomina-se LÓGICA, mas a filosofia material, que trata de objetos determinados e das leis a que eles estão sujeitos, divide-se, por sua vez, em duas, visto estas leis serem ou leis da natureza ou leis da liberdade. A ciência das primeiras chama-se FÍSICA; a das segundas, ÉTICA. Aquela dá-se também o nome de Filosofia da natureza ou Filosofia natural; a esta, o de Filosofia dos costumes.¹¹

Como o sujeito moral agiria no mundo, em seus convívios sociais, não direcionado pelos instintos, inclinações e tendências que implicam impulsos de ordens materiais e naturais? Como poderemos entender as preocupações de Kant em relação não ao que acontece, mas com o que deveria acontecer? Dito de outra maneira: como compreender a preeminência de fazer uma Filosofia prática que destitui a afirmação do que necessariamente é face à possibilidade do que deveria ser? O próprio Immanuel assinala:

A Lógica não pode comportar parte empírica, ou seja, parte na qual as leis universais e necessárias do pensamento estribem em princípios tomados da experiência; de contrário, não seria lógica, isto é, cânone do entendimento e da razão, válido para todo pensamento e capaz de ser demonstrado. Ao invés, tanto a Filosofia natural como a Filosofia moral podem, cada uma, possuir uma parte empírica, pois devem aplicar suas leis, aquela à natureza como a objeto da experiência, e esta à vontade

⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Tradução Maria Lucia Mello Oliveira Cacciola, São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 23.

¹⁰ KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, tradução Paulo Quintela, Edições 70, Lisboa, 2007, p. 68.

¹¹ *Ibidem*.

humana enquanto afetada pela natureza: leis, no primeiro, caso, em conformidade com as quais tudo acontece; leis, no segundo caso, de acordo com as quais tudo deve (388) acontecer, tomando, todavia, em consideração as condições, mercê das quais muitas vezes não acontece o que deveria acontecer.¹²

As maneiras como fazemos filosofia na imanência requerem cuidado ao tratarmos dos afetos. As discussões serão encaminhadas entre realidade e possibilidade. Vejamos o que Spinoza pensa acerca das relações dos filósofos com os afetos:

Com efeito, concebem os homens não como são, mas como gostariam que eles fossem. De onde resulta que, as mais das vezes, tenham escrito sátira em vez de ética e que nunca tenham concebido política que possa ser posta em aplicação, mas sim política que é tida por quimera ou que só poderia instituir-se na utopia ou naquele século de ouro dos poetas, onde sem dúvida não seria minimamente necessária.¹³

As advertências de Spinoza são sinalizações de como a filosofia, ao ficar apartada dos afetos e dando somente primazia à Razão, é vista como impotente em relação à política. As distinções entre as atuações do político, do sofista e do filósofo são indagações que sempre aparecem, principalmente em tempos atuais. Spinoza, no entanto, busca fazer tais distinções a partir do que denomina uma geometria dos afetos. Vejamos mais uma de suas afirmações:

Como, por conseguinte, se crê que em todas as ciências que têm aplicação, mormente a política, a teoria é discrepante da prática, considera-se que não há ninguém menos idôneo para governar uma república do que os teóricos ou filósofos.¹⁴

Em relação ao cuidado com os afetos, assinalamos o que pesquisador Diogo Pires Aurélio, tradutor do *Tratado Político* para a língua portuguesa, expõe:

Conceito eminentemente espinosano, os afetos são a expressão do relacionamento de cada homem com os outros e com o meio. Não estamos, repare-se, perante uma repetição do tradicional combate da razão com as paixões que arrastariam o homem para o mal. Em Espinosa, afeto simplesmente é afecção e ideia de afecção, choque de dois corpos em movimento de que resulta sempre uma afetividade ou grau de intensidade, seja negativa – diminuam as "paixões tristes", como o ressentimento e a amargura, que a potência do indivíduo – seja positiva – as "paixões alegres", como a coragem e o amor, que representam um acréscimo de potência. E, III, def. 3, G 139li.¹⁵

¹² Ibidem.

¹³ SPINOZA, Baruch, *Tratado Político*, tradução, introdução notas Diogo Pires Aurélio, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 4-5.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ AURÉLIO, Diogo Pires. In: Baruch Spinoza, *Tratado Político*, tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 4-5.

A articulação entre Spinoza, Deleuze e Guattari, a partir da noção comum de afeto, ganha velocidade e potência quando assinalamos o que Guattari apresenta em *Cartografias Esquizoanalíticas* quando trata de Ritornelos e Territórios Existenciais:

“Se tenho medo de ladrões em meus sonhos, os ladrões, com certeza, são imaginários, mas o medo deles é real”, assinalava Freud em *A interpretação dos sonhos*. O conteúdo de uma mensagem onírica pode se transformar, maquiagem, mutilar, mas não sua dimensão afetiva, seu componente tímico. O Afeto adere à subjetividade, de maneira “glischocárica”, retomando a qualificação de Minkowski para descrever a epilepsia. Exceto que ele gruda tanto na subjetividade de seu enunciador quanto ao de seu destinatário e, ao fazê-lo, desqualifica a dicotomia enunciativa: locutor-auditor.¹⁶

A citação ressalta que o afeto possui a característica glischocárica¹⁷ enquanto alguma coisa que não se apresenta de modo determinado variando entre situações. A relevância em tratar os afetos, como indispensáveis para nos aproximarmos das relações entre crítica e clínica, são sentidas nas leituras de Guattari em torno dessa noção comum.

Spinoza havia detectado perfeitamente este caráter transitivista do afeto (“é impossível para nós imaginarmos alguém como nós sendo afetado sem sermos afetados com experimentar esse afeto”), do qual resultou o que ele chamou de “uma emulação do desejo” e o desdobramento de composições afetivas multipolares. Assim a tristeza que sentimos através do outro se torna comisseração, enquanto é “impossível representar o ódio contra nós por aqueles que são semelhantes a nós sem odiá-los em troca; e esse ódio não pode acontecer sem um desejo de destruição que se manifesta em raiva e crueldade”. O afeto é assim, essencialmente, uma categoria pré-pessoal, estabelecendo-se “antes” da circunscrição de identidades, e que se

¹⁶ GUATTARI, Félix. “Ritournelles et Affects existentiels”. In *Cartographies schizoanalytiques*. Paris: Éditions Galilée, 1989, p. 251-267, tradução de Cristina Throstenbergh Ribas, TER traduções, São Paulo, v. 4, n.1, p. 383-397, Out. 2019.

¹⁷ Guattari, na citação, faz referência a Eugene Minkowski e o afeto enquanto glischocárico, a título de explicitar o sentido para tal conceito faremos remissão ao artigo de Paulo de Mello et al. Posição glischocárica: conhecê-la pode expandir seus recursos médicos e psicanalíticos publicado in “Subjetividade e Processos Cognitivos”, vol. 23, não. 2, págs. 24-37, 2019. Melanie Klein enunciou as posições Depressivo (1935) e Esquizoparanóico (1946). Esther Bick e Donald Meltzer desenvolveram, a partir dos estudos de Klein, o conceito de identificação adesiva. José Bleger, apresentou (*post mortem*), em 1977, utilizando esses conhecimentos e conjecturas sobre simbiose, a posição Ghlischro-cárica, hoje Viscocárica no Brasil, que magistralmente considerou ser uma posição anterior à posição Esquizoparanóide. A posição Ghlischro-cárica inclui um conglomerado egóico com o objeto indiferenciado que Bleger denominou de núcleo aglutinado. Constitui-se a ansiedade defusional que pode se manifestar como ansiedade do tipo pânico, somatizações e doenças psicossomáticas, como esclerose múltipla, artrite reumatoide, vitiligo, entre outras. É interessante dizer que 72% dos pacientes que buscam atendimento médico neuropsiquiátrico e psicológico utilizam a posição Ghlischro-cárica dentro de seu universo relacional, com suas idiossincrasias fenomenológicas que afetam suas vidas e o cenário terapêutico. Conhecer suas particularidades pode ampliar os recursos do profissional de saúde mental, a utilização de técnicas psicoterapêuticas e até mesmo a escolha dos psicofármacos mais adequados para clientes dessa condição, o que torna fundamental o desenvolvimento desse tema. Utilizamos um modelo de estudo clínico-qualitativo e transdisciplinar baseado em uma revisão conceitual do tema.

manifesta por transferências não localizáveis do ponto de vista de sua origem e de seu destino.¹⁸

Em decorrência do que afirmamos no início deste trabalho, buscamos distinguir os modos de existência dos que pensam e agem com Spinoza daqueles que somente exercem as pretensões judicativas, principalmente quando se sustentam nos modos e ditames do cogito cartesiano e, também kantiano. Os aspectos dos julgamentos trazem as condições reais de experimentações dos modos pelos quais os julgadores exercem suas funções de impedimento no campo social mediante as tendências de produções de novas modalidades afetividades, subjetividades e sociabilidades. Os afetos são noções comuns entre Spinoza, Deleuze e Guattari os quais ressoam entre as vidas singulares e intensas que experimentando os exercícios de despersonalizações não deixam de dispender esforços para encontrarem os meios mais adequados de atualizações de virtualidades. O exemplo dos artistas que fixam os afetos nos suportes os fazendo durar são pensados por Deleuze e Guattari no livro *O que é a Filosofia?*. A ética aparece, nesses três pensadores, como traçados de filtros para que possamos elaborar novos modos de coexistências.

Dos problemas éticos e morais, as más e as boas despersonalizações

Os nossos aprendizados em torno de Spinoza, Deleuze e Guattari nos levaram em direção às confrontações com o que Kant considera como a liberdade. Os nossos questionamentos caminham em direção à afirmação de que não é impossível ter uma visão ética do mundo, como pensada por Spinoza: a liberdade, enquanto ausência de constrangimento, é um exercício de esforços para conquistá-la em meio aos acasos dos encontros. Não podemos deixar de atentar para Deleuze assinalando as condições reais para distinguirmos entre a visão ética do mundo e a visão moral cartesiana e consequentemente kantiana:

Quando Spinoza diz: Nós nem sabemos o que um corpo pode fazer, esta fórmula é quase um grito de guerra. Ele acrescenta: Falamos sobre a consciência, o espírito, a alma, o poder da alma sobre o corpo. Nós conversamos assim, mas não sabemos nem mesmo o que um corpo pode fazer.¹⁹

Mas como ter uma vida ética em meio às despersonalizações que assistimos em nossos estudos filosóficos? As pontuações em relação aos corpos enquanto potência de afetar e ser afetado ganham sentido, principalmente quando as relações entre ética, imanência e afetos nos levam em direção aos processos de horizontalidades não-hierárquicas em que existem coexistências dos modos, os quais Spinoza os define

¹⁸ GUATTARI, Félix. "Ritournelles et Affects existentiels". In *Cartographies schizoanalytiques*. Paris: Éditions Galilée, 1989, p. 251-267, tradução de Cristina Throstenbergh Ribas, TER traduções, São Paulo, v. 4, n.1, p. 383-397, Out. 2019.

¹⁹ DELEUZE, G. Op. Cit.

enquanto afecções da substância. Na definição V do livro II da *Ética*, encontramos Spinoza afirmando:

5. A duração é a continuação indefinida do existir. Explicação. Digo indefinida porque a duração não pode ser, de maneira alguma, determinada pela própria natureza da coisa existente, nem tampouco pela causa eficiente, a qual, com efeito, necessariamente põe a existência da coisa, mas não a retira.²⁰

As condições reais para nos tornarmos criadores em arte, filosofia e ciência exigem necessariamente exercícios despersonalizações. As indagações nos levam justamente a elaborar estudos sobre as modalidades de despersonalizações. Nesse sentido, procuraremos tratar das más, boas e estranhas despersonalizações. Os nossos posicionamentos em relação às distinções entre os modos de existências daqueles que pensam e agem com Spinoza, Deleuze e Guattari são os de afirmar a imanência dos afetos, as orientações através das horizontalidades: o que acontecer ao corpo tem suas reverberações no pensamento.

Então, parte-se de uma coisa muito simples: a ideia é um modo de pensar definido por seu caráter representativo. O que já nos dá um primeiro ponto de partida para distinguir ideia e afeto (*affectus*), porque chama-se afeto a todo modo de pensamento que não representa nada. O que significa isto? Tomemos ao acaso, não importando que se chame afeto ou sentimento: uma esperança por exemplo, uma angústia, um amor, o que não é representativo. Nisto há bem uma ideia da coisa amada, há bem uma ideia de alguma coisa prometida, mas a esperança enquanto tal ou o amor enquanto tal não representam nada, estritamente nada.²¹

As contribuições de Deleuze para que possamos distinguir os modos de vida éticos daqueles ditos morais tornam-se preciosíssima. As suas preocupações em distinguir ideia de afeto, assinalando que tudo aquilo que for passível de ser representando não é afeto, nos exorta em compreender a qualidade, o sentido e o valor do que queremos. A visão moral do mundo pressupõe a representação, a reconhecimento e as possibilidades de juízos sobre vida. A citação a seguir distingue, por exemplo, o desejo de escrever, de atualizar um artigo sobre tipos de despersonalizações enquanto um desejo, um *conatus*, uma potência que não se confundem com representações e julgamentos. A moral julga enquanto a ética avalia pelas variações dos afetos:

Todo modo de pensamento enquanto não representativo será denominado afeto. Uma volição, uma vontade, implica, a rigor, que eu quero alguma coisa; o que eu quero, é objeto da representação, o que eu quero está dado em uma ideia, mas o fato de eu querer não é uma

²⁰ SPINOZA, Baruch. *Ética*, II, Def., V, tradução de Tomaz Tadeu. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 27.

²¹ DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)* / Gilles Deleuze; tradução para o português Emanuel Angelo da Rocha Fragoço, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. - 3. ed. - Fortaleza: EdUECE, 2019, p. 35.

ideia, mas um afeto, porque é um modo de pensamento não representativo. Funciona, não é complicado.²²

As preocupações de Spinoza, Deleuze e Guattari são endereçadas ao modo como a multidão²³ pode constituir agenciamentos que somente levem em conta a produção coletiva de liberdade.

Já a exposição acerca do que seria a dignidade da pessoa humana, feita por Kant, diz respeito à forma pura da Lei Moral. A regulação das tendências e inclinações é índice de que pessoas agem dentro do convívio social de modos dignos. As ações boas são aquelas em que nossas inclinações e tendências estarão sempre reguladas pelos procedimentos racionais. O que seriam, então, as despersonalizações mediante tais afirmações? Ora, elas dizem respeito a todos que não seguem tais procedimentos. E o que seriam as boas despersonalizações? Essa discussão remete às relações entre filosofia e arte, sobretudo quando nos orientamos através de Deleuze e Guattari.

Ao tratarmos de pessoa e da sua dignidade enquanto valor, estamos seguindo o que Immanuel Kant sublinha na Segunda Seção da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. As maneiras de tratar as relações entre vontade e dever remetem justamente ao modo como agimos em relação aos outros sujeitos, às outras pessoas, como convivemos. A vontade boa é aquela movida não por interesse ou finalidade. Todavia, quando é que uma ação conforme ao Dever pode ser isenta de interesses e egoísmos? Quando é que o Eu não é o determinante da vontade? Quando é que a razão move a ação para o Dever? Quando a máxima da ação pode ser decidida como sendo passível de ser universalizada. No limite, quando a ação, ao ser deliberada, não impedir a liberdade de outra pessoa de, por exemplo, ir e vir. A ação que impede a liberdade do outro, nada mais faz do que coagi-lo; o que soa como uma solicitação para também ser coagida pela Forma Pura da Lei.

A vontade jamais possui um valor absoluto se não for orientada pela Razão enquanto princípio metafísico moral *a priori*. A Lei Moral, enquanto forma pura e vazia, traz o Bem não como o seu conteúdo transcendente. As nossas ações podem ser distinguidas entre aquelas que são motivadas por interesses ou por deveres. As boas ações ocorrem quando agimos em relação às outras pessoas não para fazer delas um

²² Ibidem.

²³ CHAUL, Marilena. *Os conflitos no seio da multidão in Spinoza e as Américas: volume 2*/Baptiste Noel Auguste Grasset; Emanuel Angelo da Rocha Fragoso; Ericka Marie Itokazu; Francisco de Guimaraens; Mauricio Rocha (organizadores). Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 85. A professora faz uma exposição magistral em relação às mudanças do conceito de multidão em Baruch Spinoza: sabemos que há uma diferença no tratamento da multidão no *Tratado teológico-político* (TTP) e no *Tratado político* (TP). De fato, no TTP, Espinoza não distingue entre a plebe, o vulgar e a multidão, distinção que será feita no TP. No TTP, a multidão vem antecedida de um adjetivo, *saeva* – feroz, furiosa –, é a turba, descrita como inconstante, variável, perpassada por afetos contrários, sempre conduzida “segundo sua própria índole” (*ex suo ingenio*) e para mantê-la nos limites necessários à estabilidade e conservação do poder soberano (*imperium*) é preciso homens prudentes e vigilantes, capazes de conformar as leis à índole da gente a ser governada (*ingenium gentis*) – exatamente como fez Moisés com os hebreus. Entretanto, no TP, apesar de sua índole variável e de suas paixões contrárias, a multidão é concebida como sujeito político e seu direito ou potência natural se torna a própria definição do poder soberano (*imperium*). As diferenças entre os dois tratados decorrem dos novos elementos conceituais estabelecidos pela *Ética*, graças à física da coerência, comunicação e conveniência entre os corpos, à dedução do modo humano como união de corpo e mente, à definição da essência singular pelo conatus, à distinção entre afetos tristes e alegres e à teoria das noções comuns que permite, na Parte IV, demonstrar que o homem racional só é livre na cidade e não na solidão.

meio para atingirmos determinados fins. A categoria de pessoa deriva dessas relações sutis em que os deveres orientam de modo racional as ações das pessoas em sociedade. A boa ação é orientada por aspectos formais, os quais são estudados pela Filosofia Moral, pela Metafísica dos Costumes; as partes materiais e empíricas que constituem as tendências e inclinações fazem parte do que Kant considera como antropologia prática. O que vemos nessas afirmações morais kantianas? Os instintos, as tendências e inclinações são as forças que vêm da Natureza e que não são reguladas pelas leis da liberdade. A pessoa humana mantém sua dignidade quando age de acordo com as Leis Morais. A despersonalização torna-se o problema para a Metafísica dos Costumes.

A dignidade da pessoa humana remete para diferentes aspectos, principalmente para o que fora considerado como *persona*, desde a tragédia grega, que seria como uma máscara exterior; e para o que a doutrina moral cristã acentuou ao considerar a interioridade enquanto o que caracteriza e define a realidade de cada pessoa.

Os procedimentos que buscamos tratar neste estudo dizem respeito às fricções entre o modo de Kant tratar a dignidade da pessoa humana e o modo segundo o qual Gilles Deleuze situa o processo de despersonalização em sua experimentação filosófica. Ao pesquisarmos as distinções entre Kant e Deleuze e Guattari, trataremos as diferenças entre os modos de existência que afirmam a visão ética do mundo e aqueles que remetem à visão moral.

O que se faz importante sublinhar é que, ao tratarmos de boas despersonalizações, não estamos dizendo que os aspectos ontológicos e transcendentais são jogados fora, muito pelo contrário. A realidade não é pensada somente enquanto atual; o transcendental não é somente estudado como condição de possibilidade para toda experiência possível; no caso da Metafísica dos costumes, ele remete ao próprio âmbito *a priori* em que a Razão coage a vontade a agir por dever e não por interesse ou finalidade. O transcendental, ao passar a ser pensado e sentido como o campo das condições reais de experimentação, ganha o sentido de imanência; mas não como imanente ao sujeito. No caso, a liberdade torna-se uma questão: como articular a despersonalização e a liberdade? Haveria outras maneiras de pensarmos a liberdade, não somente através de Kant? O propósito de nosso trabalho é justamente apresentar as maneiras como a liberdade e a imanência em Spinoza potencializam o trabalho conjunto de Deleuze e Guattari.

As nossas maneiras de tentar elucidar os problemas relativos às despersonalizações, a partir das redes esquizofrenizantes do capitalismo, possuem os desafios e ousadias de não apenas reproduzir e representar Spinoza, Deleuze e Guattari. A nossa questão é pensar como Spinoza ao nos dizer que a primeira ideia que possuímos é a ideia de nosso corpo e, conseqüentemente a constatação de que a mente é a ideia do corpo, nos potencializa para pensarmos a filosofia inseparável da crítica e clínica.

As nossas incursões em torno do problema das despersonalizações decorrem do que vivemos nestes últimos anos no país. Os fatos que presenciamos a partir de janeiro de 2022 remetem às apropriação dos corpos e das mentes. Quais são os sentidos dos valores que direcionaram tais movimentos de pessoas, a ponto de vermos orações para pneus, caronas em para-brisas de caminhão e telefones em cima da cabeça dos indivíduos para contato com os extraterrestres? Nada existe, nenhuma coisa, nenhum

corpo sem o conjunto de forças que os apropriam. As forças que atravessam o século XXI são aquelas que remetem ao sentido e ao valor dado pelo digital. O sistema capitalista tem o seu limite assegurado pela veiculação de publicidades que atuam nas forças moleculares e inconscientes das populações. Como sair do sistema capitalista cuidando dos desbloqueios das subjetividades e ao mesmo tempo dos afetos?

Em pleno século XXI, assistimos ao crescimento de movimentos fascistas e de extrema direita, assistimos aos enunciados que afirmam alternativas: civilização ou barbárie? Todavia, os povos ditos originários são colocados à margem a ponto de serem apagados ao longo do processo dito civilizatório. Os meios de comunicação e informação veiculam os massacres dos povos *Yanomamis* que vêm ocorrendo na região Amazônica. Os episódios de descaso com tais populações dizem somente respeito à extração das riquezas minerais localizadas em seu território. Em meio a essas posições e colocações, como tratar das despersonalizações?

Aos incautos que possam, porventura, questionar o sentido de despersonalização que estamos tentando apresentar, trataremos de expor que as boas despersonalizações são aquelas que remetem para os criadores de algo novo, como os filósofos, os artistas e os cientistas; ao dizemos das más despersonalizações, apenas sublinhamos o que Kant já dissera quando alguém faz com que uma pessoa não seja sentida como um fim em si mesma; mas, apenas como um meio a ser utilizado para fins espúrios.

As más despersonalizações, além de fazerem com que vidas sejam manipuladas com meios para atingir supostos fins, trazem a exploração dos maiores tipos de extrações de forças tanto dos corpos quanto das mentes, sem esquecermos da Natureza.

As sociedades da informação, através das mídias digitais e da utilização de máquinas inteligentes, extraem forças dos corpos e ideias da mente sem que ao menos tenhamos quaisquer percepções. A cibernética trouxe para a realidade do convívio social facilidades que, além de aproximar as pessoas, possibilitam avanços dos processos de más despersonalizações. As inúmeras modalidades de golpes, as quais variam desde os golpes em pessoas a fim de arrancar seus soldos até os golpes de Estado, são cada vez quase que naturalizadas. As más despersonalizações são assim denominadas por causarem maus encontros, por despotencializarem vidas. As maneiras de nos comunicarmos utilizando mídias digitais são processos irreversíveis, o que traz como consequência possibilidades de notícias falsas que impregnam as subjetividades a ponto de modificar posições políticas.

As polarizações entre esquerda e extrema direita vêm cada vez mais sendo acentuadas, principalmente quando constatamos que a proliferação dos fascismos está relacionada à utilização de mídias digitais que propagam os maiores absurdos.²⁴ Não

²⁴ BANDOSZ, Benjamin. "Potentialities of Post-Media: Networks of Resistance and Subjugation in Félix Guattari's A Love of UIQ". In: *Deleuze and Guattari Studies*, Volume 15 Issue 1, Page 117-139, ISSN 2398-9777. O autor traz considerações importantíssimas sobre os fatos ocorridos nas eleições do 2016 nos EUA. "Telas, tomadas, sincronização de dispositivos, atualizações, curtidas e jogabilidade hiperestimulam e reconfiguram o cérebro, desvinculando-o da consciência e conexão corporal. O corpo é apagado e relegado a uma interface digital; fluxos de sinais e informações religam e sobrecarregam as vias neurais, integrando molecular mente a mente e a subjetividade (Genosko 2012: 150; Altbäcker et al. 2016). O trabalhador cognitivo está, paradoxalmente, na posse dos meios de produção cognitiva, mas subsumido pela estimulação cognitiva e conexão efêmera através de máquinas, que são dirigidas pelos meios de comunicação de massa - o *prosumer* tanto consome quanto produz conteúdo digital. O conteúdo dos

basta apenas dizermos das utilizações desses meios digitais, não podemos esquecer que as vidas são utilizadas como meios para insuflar golpes, inclusive pedindo o retorno de ditaduras e conseqüentemente de torturas. As sutilezas das estratégias que geram as más despersonalizações variam desde a capturas de indivíduos isolados, retirando-os de sua autonomia e de liberdades de decisão, até às formações de grupos que defendem causas sem ao menos saberem o conteúdo delas.

As más despersonalizações podem ser atestadas quando um sujeito muda seu nome e diz-se pertencente a determinada instituição empresarial e, através dos meios digitais, procura aplicar golpes em terceiros. Nesse caso, há um movimento de despersonalização em que a identidade do sujeito é falsificada através das mudanças de seus dados legítimos. A vítima, por sua vez, também é levada a perder sua identidade por cair no golpe. A vítima deixa de ser uma pessoa passando a perder sua autonomia e liberdade de decisão. O que podemos buscar em Kant para tratarmos das distinções entre coisas e pessoas? Vejamos na seguinte citação:

Os seres cuja existência depende, não em verdade da nossa vontade, mas da natureza, têm contudo, se são seres irracionais, apenas um valor relativo como meios e por isso se chamam coisas, ao passo que os seres racionais se chamam pessoas, porque a sua natureza os distingue já como fins em si mesmos, quer dizer como algo que não pode ser empregado como simples meio e que, por conseguinte, limita nessa medida todo o arbítrio (e é um objeto do respeito).²⁵

Como podemos traçar crivos e filtros para selecionarmos as boas, as más e as estranhas despersonalizações?

Das despersonalizações em Deleuze e Guattari

Gilles Deleuze trata as despersonalizações através do amor e não pela história da filosofia. As experimentações filosóficas são atos de despersonalizações que permitem aos filósofos Deleuze e Guattari criarem personagens conceituais, após terem traçado filtros no caos, os quais não deixam de experimentar as vertigens da imanência. As despersonalizações são as experiências de devires em que zonas de vizinhanças emergem em meio às indeterminações entre os meios minerais, vegetais e animais. Os filósofos trazem povos, terra e territórios em suas criações conceituais. Os filósofos tornam-se multidões, multiplicidades. As despersonalizações em Deleuze e Guattari

usuários é coletado e processado para projetar uma subjetivação capitalista mais eficiente que visa usuários semelhantes, explorando assim o trabalho cognitivo livre enquanto intensifica a estimulação neural. As práticas pós-midiáticas são constantemente reterritorializadas pelos meios de comunicação de massa e a dessingularização é iminente – videogames e mídias sociais podem desempenhar tais funções ulteriores. Por exemplo, o teste de personalidade OCEAN da Cambridge Analytica no Facebook coletou 'mais de 5.000 pontos de dados sobre 230 milhões de adultos nos EUA, que foram usados para propaganda política direcionada durante as eleições de 2016 (Hanna e Isaak 2018: 4). Movimentos e práticas revolucionárias que são catalisadas por tecnologias de rede reaproveitadas e plataformas de mídia correm o risco de serem redirecionadas para os fluxos de lucro e poder do semicapitalismo”.

²⁵ KANT, Immanuel, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, tradução Paulo Quintela, Edições 70, Lisboa, 2007, p. 68.

remetem às comunidades de singularidades antes mesmo dos indivíduos, espécies e gêneros. Um indivíduo, uma pessoa, somente aparentemente pode possuir tais predicados. Na verdade, são compostos de singularidades que os atravessam em devires.

Sou de uma geração, uma das últimas gerações que foi mais ou menos assassinada com a história da filosofia. A história da filosofia exerce em filosofia uma função repressiva evidente, é o Édipo propriamente filosófico: “Afinal você não vai ousar falar em teu nome enquanto não tiver lido isto e aquilo, e aquilo sobre isto, e isto sobre aquilo”. Na minha geração muitos não escaparam, outros sim, inventando seus próprios métodos e novas regras, um novo tom. Quanto a mim, por muito tempo “fiz” história da filosofia, li livros sobre tal ou tal autor. Mas me dava compensações de várias maneiras: primeiro amando autores que se opunham à tradição racionalista dessa história.²⁶

Os aspectos que queremos sublinhar são aqueles que remetem ao que denominamos boas despersonalizações no sentido que caminham de encontros aos atos de criação. Todavia, essas modalidades de despersonalização não visam fazer que vidas singulares tornem-se meios para aquisições e alcances de fins. As despersonalizações denominadas boas tornam-se aquelas que compartilham afetos que tornam as vidas mais potentes e que resistem aos fascismos.

Dizer algo em seu próprio nome é muito curioso; pois não é de modo algum quando nos tomamos por um ego, uma pessoa ou um sujeito, que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um nome próprio verdadeiro ao fim do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre as multiplicidades que o atravessam de cabo a rabo, as intensidades que o percorrem. O nome como apreensão instantânea de tal multiplicidade intensiva é o oposto da despersonalização operada pela história da filosofia, [é] uma despersonalização de amor e não de submissão.²⁷

Em meios às despersonalizações, como aquelas advindas da arte, encontramos as criações que aparecem, por exemplo, no cinema em que personagens deambulam trazendo para os espectadores as desvinculações sensório-motoras. Nessas modalidades de despersonalizações, as visões são aglutinadas em meios vaporosos, nebulosos, em que o tempo não é considerado como medida do movimento. Os personagens sonambúlicos, além de deambularem, trazem torções às nossas percepções habituais de actantes. Os processos de vidências aparecem trazendo divergências e dissensos aos modos de operar que utilizam os vínculos entre percepção e ação. Os aspectos de subjetividades acorrentados aos interesses da extração de mais-valias de códigos e afetos das vidas singulares são transmutados em exortações às criações éticas, estéticas e políticas em que quaisquer modos de existências, que possam por venturas serem excluídos da visão moral do mundo, tenham pleno sentido e valor. A questão imprescindível à visão ética do mundo: todos os seres vivos estão horizontalmente na

²⁶ DELEUZE, Gilles, *Conversações: 1972-1990*. Tradução Peter Pal Pelbart, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 14.

²⁷ *Ibidem*.

imanência, no plano da Natureza. As mais diferentes maneiras de afetividade, subjetividades e sociabilidades estão na imanência desde um povo de artistas até aqueles que vivem nas cidades habitando locais ditos impossíveis e inóspitos. Quais são os exercícios indispensáveis às boas despersonalizações?

O que quer dizer amar alguém? É sempre apreendê-lo numa massa, extraí-lo de um grupo, mesmo restrito, do qual ele participa, mesmo que por sua família ou por outra coisa; e depois buscar suas próprias matilhas, as multiplicidades que ele encerra e que são talvez de uma natureza completamente diversa. Ligá-las às minhas, fazê-las penetrar nas minhas e penetrar as suas. Núpcias celestes, multiplicidades de multiplicidades. Não existe amor que não seja um exercício de despersonalização sobre um corpo sem órgãos a ser formado; e é no ponto mais elevado desta despersonalização que alguém pode ser nomeado, recebe seu nome ou seu prenome, adquire a discernibilidade mais intensa na apreensão instantânea dos múltiplos que lhe pertencem e aos quais ele pertence.²⁸

Das estranhas despersonalizações

As questões e problemas que decorrem dos acompanhamentos, em relação ao que os filósofos procuram se apoiar, levam-nos a indagar: como fazer filosofia sem nos sustentarmos no mundo, no eu e em Deus? Ora, o modo mais imediato é de fazermos filosofia de uma maneira a experimentar despersonalizações. Nesse aspecto, ao tratarmos de estranhas despersonalizações, apresentaremos aspectos que envolvem filosofia e arte. Sim, mas como distinguir as modalidades de despersonalizações mediante as relações entre filosofia e arte. Os aspectos da crítica e da clínica entram em jogo. As questões que se apresentam levam-nos em direção a seguinte indagação: o que nos resta após desconstruirmos o mundo, o eu e Deus? Ao tratarmos de despersonalizações não estamos falando de perdas de autonomia e liberdade. Como podemos evitar que nos processos de despersonalizações não caiamos nos domínios das entidades clínicas?

As denominações que viemos atribuindo aos processos de despersonalizações chegaram ao ponto de discorrermos sobre as distinções entre más, boas e estranhas despersonalizações. As despersonalizações que fazem um indivíduo, uma pessoa transformar-se em inseto não é boa e nem má, torna-se estranhíssima. Como se dá essa metamorfose? A identidade do Eu é, de certo modo, dissolvida na experimentação das multiplicidades: trata-se de experimentar multidões ao invés de somente um Eu. A determinação do Eu que assegura a identidade de acompanhar as representações do mundo empírico é dissolvida. O Eu em seu dever de acompanhar as temporalidades no mundo sensível empírico passa por desaparecer. A identidade ao desaparecer traz a diferença e a repetição.

²⁸ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. (1997), *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Volume 2), tradução Ana Lucia Oliveira, Rio de Janeiro, Editora 34, p. 48.

Deleuze, no *Abecedário*, faz algumas alusões às relações entre filosofia e direito, o que nos possibilita ver que as mutações das subjetividades a partir dos âmbitos em que a Lei passa ser escrita é, também, aquela em que a escrita alfabética parece como novidade em distinção à silábica. Os aparecimentos dos livros, assim como da literatura e da lei escrita, trazem os elementos para aquilo que será designado como a substancialidade da pessoa humana: a dignidade enquanto fim em si mesmo e ao mesmo tempo trazendo a autonomia e liberdade. Quando tratarmos de despersonalizações não estamos nos remetendo ao desaparecimento da dignidade da pessoa humana, simplesmente estamos entrando nos domínios da imanência e da reposição das vidas singulares em seus devires. Como atingir a singularidade de uma vida? Como experimentar a singularidade de uma vida enquanto processo de repetição que jamais se confunde com a generalidade? A vida de um escritor ao metamorfosear-se nada mais é do que sair da ilusão de que os gêneros e a espécie são primeiros às singularidades de uma vida. As ilusões se desfazem quando os processos de individuações não ocorrem sem que as singularidades atravessem os gêneros e espécies em múltiplas direções e dimensões.

A Lei escrita possibilita que a identidade do Eu permaneça, assim como a Literatura permite os exercícios de estranhas despersonalizações. Deleuze e Guattari apontam em *Kafka: Por uma literatura menor* tais devires e processos de despersonalizações. Kafka funcionário da empresa de seguros tem suas atividades diurnas reguladas pela Lei Moral, principalmente para que a identidade do seu Eu transcendental consiga acompanhar as suas representações nas temporalidades do mundo empírico quando entra em processo de despersonalizações como na *Metamorfose* ao fazer devires-insetos. A literatura menor permite inventar inclusive palavras nunca dantes vistas. Deleuze e Guattari tratam as passagens da *Metamorfose*, quando Gregor Samsa torna-se inseto, como um devir-animal. Todavia, assinalam que há ainda passagens dos devires animais para as linhas de fugas:

Mas, precisamente, nós passámos para um elemento muito diferente do devir-animal. É verdade que o devir-animal já explorava uma saída, mas era ainda incapaz de lá mergulhar. É verdade que já produzia uma desterritorialização absoluta; mas, por lentidão extrema e apenas num dos seus polos. Deixava-se apanhar, reterritorializar, retriangular. O devir-animal mantinha-se uma questão de família. Com a impulsão das séries ou dos segmentos, assistimos a uma coisa diferente, ainda muito mais estranha.²⁹

Nesses aspectos estranhos, nessas passagens dos devires-animais às proliferações das séries, o que encontramos não são mais aquelas fases em que se passava da casa para escola, da escola para a universidade; trata-se de modalidades de desejos em meio aos investimentos de delírios que variam entre os regimes capitalistas, socialistas, burocráticos e fascistas. Quantas são estranhezas para encontrar novos meios em que o desejo produza algo fora de tais regimes?

²⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Das estranhas despersonalizações na dança

As mais diferentes maneiras de tratarmos das tensões entre a dignidade da pessoa humana e os variados processos de despersonalização levam-nos aos âmbitos das artes. Os propósitos que se apresentam ressoam como conflitos entre o que pode ser produzido em termos de linhas de fugas mediante os meios encontrados nas despersonalizações de Kafka em livro como a *Metamorfose* e o que culmina numa certa paixão de abolição como no caso da dançarina Sharon Stern.³⁰ A questão aparece e traz um problema: *o que nos resta quando desconstruímos o Eu, o mundo e Deus?* No caso, a dançarina ao entrar em contato com o Butoh³¹ chegou ao ponto de ter, de certo modo, atingido o limite das relações entre mestre e discípulo. E a despersonalização como aparece? Em suas apresentações, notamos que seu corpo já não possui os mesmos hábitos daqueles que são aprisionados em movimentos bruscos e rotineiros. No Butoh, os movimentos se desterritorializam, mas o que a levou a sucumbir? Ao falarmos de arte perigosa das despersonalizações, estamos atentos a este caso. O Butoh, através de Min Tanaka, foi apresentado em La Borde incentivado por Josephine Guattari. No caso da experimentação de Sharon Stern, o que aconteceu para que tirasse sua vida? As repostas seriam certamente os maus encontros. As afirmações sobre as despersonalizações enquanto retirada de quaisquer tipos de identidades, dependendo da leitura que for feita, pode soar como um sintoma de esquizofrenia; a entidade clínica pode ser atualizada ou mesmo levada à paixão de abolição. A arte de modo nenhum potencializa para as desagregações. O que aconteceu com Sharon Stern? A sua vida sempre fora de procurar por algo que a levasse a usufruir de novas maneiras de sentir, entretanto, a sua entrada na dança Butoh a fez experimentar aquilo que estremece a segurança de possuir um “eu”. A sabedoria oriental advinda dos ensinamentos de seu mestre a levou a ter experiências que suscitaram ultrapassagens de limite. A arte enquanto um meio de vencer a morte não deixou de ser um desafio constante em sua existência.

A nossa preocupação é de acrescentar que a dança Butoh jamais poderia ser uma motivação para que a dançarina ceifasse sua vida. Os signos da arte tornam-se meios

³⁰ Em abril de 2012, uma dançarina chamada Sharon Stern cometeu suicídio. Stern estava profundamente comprometida com a forma de dança japonesa de influência budista Butoh, na qual o domínio envolve a entrega de partes do eu. Antes do suicídio, Stern apresentava instabilidade mental, incluindo sinais preocupantes de despersonalização, uma condição marcada por uma sensação de distanciamento do corpo e dos pensamentos. À medida que a devoção de Stern ao Butoh crescia, também crescia sua incapacidade de se identificar como um indivíduo com uma história, personalidade ou futuro. Ela começou a escrever e-mails na terceira pessoa e, como Rachel Aviv detalhou no *The New Yorker*, em um dos últimos e-mails de Stern para seu professor, ela perguntou: “Então surge a pergunta o que acontece APÓS a desconstrução de seu corpo / mente / ego?”. TZELNI, Alex. “The Dangerous Art of Depersonalization”. Disponível em: <https://tricycle.org/trikedaily/depersonalization/>.

³¹ PUZIOI, Sidnei. “Butoh e a poética da Natureza de Kazuo Ohno”. “A dança butô, inicialmente chamada de Ankoku Butoh (dança das trevas), foi, desde o seu surgimento, no final da década de 50, uma dança mergulhada no movimento de contracultura japonesa que rejeitava o domínio ocidental sobre o país no período de pós-segunda guerra mundial. Tatsumi Hijikata, o criador deste movimento, buscou em sua dança uma fidelidade às suas raízes étnicas por meio de novas formas de articulação corporal. A rejeição das categorias de dança já existentes, a transgressão do corpo por um viés político, a conexão com sua ancestralidade, o subconsciente e a natureza eram temas presentes nessa jornada por uma arte tão profunda e enigmática” (FRALEIGH E NAKAMURA, 2006, p. 2). Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/simposiorfc/article/view/866/691>.

para vencer a morte, após a recuperação do tempo que se perdia. Não podemos esquecer que as relações que a envolvem são singularidades, as quais são exteriores aos termos envolvidos; no caso, os corpos envolvidos na dança. O que podemos dizer é que nenhum termo, nenhum corpo traz em si qual o tipo de relação que está implícito em relação ao outro termo, ao outro corpo; as relações são diferenças. Os corpos e mentes, quando se encontram, entram em processos de variações. Os encontros são experimentações de variações que se dão, através de continuidades indefinidas durante e mediante as suas existências. Em nosso modo de compreender, as criadoras e criadores de arte fazem experimentações, as quais denominamos de as boas despersonalizações.

As nossas indagações começaram por ser feitas, a partir deste caso da dançarina, o qual nos levou a pensar nos pontos de inflexões: em que medida as nossas tendências para as criações mais potentes e estimuladoras de nossas maneiras de perceber as relações entre arte e vida, podem declinar? As estranhas despersonalizações acontecem em meio aos esforços em criarmos algo novo, porém tudo pode desmoronar. Quais afetos contribuíram para que as paixões tristes dominassem os aprendizados de Stern através dos movimentos dos corpos praticantes da dança Butoh?

As motivações de nossas pesquisas são endereçadas ao domínio do que Gilles Deleuze denomina das teses práticas de Spinoza, não deixando de assinalar o que Félix Guattari nos fala de Baruch Spinoza sobre a transitividade dos afetos. A questão da relevância dos afetos no filósofo holandês é demasiada intensa em nossas motivações. As posições políticas de Spinoza são assinaladas na epístola 50 ao seu amigo Jarig Jelles, nesta missiva deixa de modo nítido que a sua diferença para com a concepção política de Hobbes é a sua posição em manter o direito natural, o que nos faz sempre afirmar que Spinoza é um pensador da multidão. O sentido que retiramos dos aprendizados com Spinoza é atingir a composição a partir das composições dos múltiplos direitos naturais, os quais passam por cada vida singular, e podem culminar na construção de uma Civitas em que todos possam fazer parte da prática coletiva de produção da liberdade.

A liberdade não passa por uma instância que fundamenta de modo metafísico nossas ações. A posição de Spinoza é que nenhum contrato pode ser mais potente que os afetos. Nenhuma lei, contato ou máxima pode ser mais potente que os afetos. Um afeto somente pode ser refreado por outro afeto.

As despersonalizações em torno da arte levam-nos a fazer referência ao artigo de *Rachel Aviv*, cujo título é “Desvendamento de uma dançarina”, em que passagens de fases ocorrem após à iniciação no Butoh:

Sharon Stern chegou à Naropa University, a primeira universidade de inspiração budista nos Estados Unidos, com um portfólio de glamorosas fotos de cabeça. Ela tinha um rosto em forma de coração e um sorriso inocente. Ela tinha 28 anos e havia se casado recentemente com Todd Siegel, que todos os amigos descreviam como o marido perfeito.³²

³² AVIV, Rachel, “The Unravelling of a Dancer” By Rachel Aviv, *New Yorker*, March 30, 2020. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2020/04/06/the-unravelling-of-a-dancer>.

As instituições de ensino existem, pelo menos em nossas leituras de Deleuze, como amplificadoras de nossas tendências parciais e não apenas para inibir e limitar egoísmo. A prática do Butoh, ao que nos parece, caminha em uníssono ao sentido de instituição como desprendimento do ego. Os desapegos aprendidos nas práticas da dança tencionou a vida da dançarina.

As estranhas despersonalizações são pensadas desde aquelas que caminham no sentido de que, através da metamorfose, o escritor produz linhas de fugas imperceptíveis, tais como Kafka; até as que procuramos colocar em relevo no choque de movimentos entre aos modos de vidas capitalistas, edipiano, norte-americano e os expressados pelas sabedorias orientais nas coreografias do Butoh. Não é descabido pensarmos como numa instituição de ensino que preza pelos exercícios de ultrapassar os individualismos e egoísmos próprios das sociedades capitalistas, se possibilitasse um processo de despersonalização tão estranho:

A Naropa, que foi fundada em Boulder, Colorado, em 1974, por um ex-monge budista, possui três salas de meditação que os alunos visitam ao longo do dia. “Você é encorajado a deixar de lado os padrões habituais de pensamento, sentimento e ação e atualizar continuamente sua experiência, vendo a si mesmo e ao mundo de maneira nova”, dizia a carta de boas-vindas do reitor dos alunos.³³

O encontro entre Ocidente e Oriente é no mínimo estranho, principalmente por ser feito dentro de uma universidade norte-americana envolvida por um sistema que fomenta as ações do indivíduo as tratando como se fosse um plano de pura liberdade. A dança Butoh tratando do desprendimento do ego vai na contramão de tudo que a dançarina Sharon Stern aprendeu desde seus primeiros dias nos bancos escolares. As passagens e os convívios iniciais que ocorrem em trânsitos, os quais variam entre a casa e a escola, causam mudanças nas crianças; o que não deixa de ocorrerem, também com os jovens ao entrarem na universidade.

As questões relativas às estranhas despersonalizações ocorrem no sentido de entendermos esses processos de passagens, esses devires, essas mutações nas subjetividades e nos corpos daquelas vidas que faziam tais experimentações.

Os desafios filosóficos na contemporaneidade de fazer pesquisas em que as criações de conceitos ocorrem a partir do traçado de um plano de imanência requer que sejamos muitos cuidadosos. Os obstáculos surgem quando a repetição da pergunta filosófica não é mais ancorada naquela que se sustenta no Ser ou no sujeito. Os desafios de fazer filosofia no século XXI remetem à indagação: como pensar filosoficamente sem nos apoiarmos no mundo, Eu e Deus? Como fazer filosofia mantendo um percurso que leva à boa despersonalização no sentido de potencializar a vida do pensador e daquelas vidas que tornam-se próximas?

Os desafios na arte também não são diferentes desses processos desafiadores. Ao tratarmos do caso da dançarina Sharon Stern, estamos buscando entender como no plano da criação artística esses cuidados de passagens, de regimes de signos afetivos são impactantes, principalmente quando se trata de acompanhar os relatos da dançarina.

³³ Ibidem.

As relações de afetos são imprescindíveis de serem estudadas, sendo nesses aspectos que procuramos confrontar os pensamentos dos filósofos Spinoza e Kant acerca da liberdade em se tratando dos convívios sociais.

As experimentações filosóficas em torno das despersonalizações, segundo Deleuze, remetem ao amor e não à história da filosofia. Vejamos, então como as questões que envolvem as despersonalizações no âmbito das artes, no caso da dança Butoh, decorrem em confronto com a dignidade da pessoa humana, dado que a dissolução é um dos pontos relevantes nesse tipo de dança. As passagens que constatamos ao longo da vida de cada formação social implicam em várias fases, inicialmente aquelas que trazem os conflitos quando da mudança de convívios familiares para aqueles do âmbito escolar e conseqüentemente para os mais variados tipos de instituições. Os aspectos institucionais começam por apresentarem hábitos conflitantes, os quais alteram as relações entre corpo e mente.

As despersonalizações em torno da arte levam-nos a fazer referência novamente ao artigo de Rachel Aviv para pensar as experiências da dançarina entre bons e maus encontros:

Sharon, que estava no programa de mestrado em performance contemporânea, passou vários anos atuando em teatro comunitário em Miami, mas não tinha certeza de onde o trabalho a estava levando. Em seu diário e anotações, ela avaliou suas falhas: ela era “excessivamente excitável”; seu trabalho pode ser “cafona”; ela “não era uma líder o suficiente”; seu senso de identidade era “definido por quem me quer”.³⁴

Os cuidados em não deixarmos de sublinhar que o processo de pensar filosoficamente os devires-outros não é somente uma questão teórica, trazem as preocupações de afirmar que as relações entre pensar e agir nos levam às pedagogias dos conceitos e dos afetos. Os pontos que não deixaremos de afirmar são aqueles que, imprescindíveis para as pedagogias da imanência, apresentam os afetos que variando entre paixões alegres e tristes, não deixam de acompanhar os conceitos. Nenhum afeto pode ocorrer sem encontros. As questões práticas de Spinoza, as quais são assinaladas por Deleuze, remetem ao liame entre pensar e agir, principalmente à potencialização de novos modos de fazer filosofia.

As relações entre crítica e clínica são imprescindíveis nos estudos em torno das modalidades de despersonalizações no século XXI. Deleuze assinala, que no caso do escritor, os processos clínicos ocorrem quando não é mais possível retirar algo da linguagem, quando já não é mais possível produzir sintaxes. O que podemos dizer que, no caso da dançarina, algumas relações começaram a impedir que não retirasse nada mais dos seus afetos através da dança. As variações dos afetos começaram a ocorrer das paixões alegres para as tristes.

A arte torna-se uma experimentação, através de desafios que podem ser estendidos aos processos vertiginosos de despersonalizações mediante os propósitos de desvios do caos, das opiniões e do senso comum. No entanto, nada nos assegura que tais

³⁴ Ibidem.

experimentações serão exitosas, as dificuldades em fazermos discussões entre crítica e clínica torna-se cada vez maiores, por não pensarmos as passagens entre os vários regimes afetivos que percorrêramos; principalmente quando tratamos da nossa formação em todos os níveis de ensino.

Sharon Stern experimentou várias fases em que sentiu no seu corpo e mente as mudanças bruscas, podemos dizer que o encontro entre a produção de sua subjetividade dentro do modo de vida norte-americano foi impactado pelos ensinamentos orientais do Butoh.

Em Naropa, Sharon tornou-se autoconsciente sobre as maneiras pelas quais ela sempre usou seus pontos fortes – carisma, cordialidade, uma capacidade intuitiva de agradar – como muletas. Certa vez, ela sentiu que os ingredientes de uma vida satisfatória eram bastante simples. “Tudo o que eu queria era ser casada com Todd e ser mãe”, disse ela. Mas esse caminho parecia cada vez mais obsoleto.³⁵

Os signos que implicam em sentir algo nos solicitando a mudarmos de caminho, talvez não estejam tão longe de nossas experimentações quando nos deparamos com os textos de Spinoza, Deleuze e Guattari. Nesse ponto, começamos a sentir as relevâncias de participarmos de grupos de estudos e pesquisas.

A filosofia da imanência, que aparece no livro de Deleuze e Guattari – *O que é a filosofia?* –, torna-se um pensamento crítico e clínico. As pesquisas que estamos desenvolvendo em torno do caso da dançarina Sharon Stern não possuem outro sentido do que sublinhar o que Deleuze e Guattari apontam como a vertigem da imanência. Os guarda-chuvas para nos protegermos do caos às vezes são rasgados pelo próprio senso comum que carregamos. Nem por isso os filósofos, cientistas e artistas são isentos de não entrarem em processos conflituosos em que experimentam a impotência da criação. As instituições tornam-se relevantes nessas horas? Os grupos que perpassam as instituições, também não seriam nada nesses exercícios turbulentos? Ora, os afetos aparecem como tábuas de salvação? No entanto, os afetos podem ser paixões tristes. Como reverter os malogros a ponto de sucumbirmos em direção às estranhas despersonalizações?

Ela estava trabalhando em “reintegrar, repadronizar, reestruturar”, escreveu a um amigo do ensino médio. Em seu caderno escolar, ela se instruiu a “contemplar a incerteza” todas as manhãs. Ela se perguntou se deveria projetar uma presença mais silenciosa. “Talvez eu precise falar tanto em sala de aula e oferecer tanto da minha opinião porque na verdade não perco tempo para processar as coisas sozinha”, escreveu ela. Nas margens de “*The Essential Chögyam Trungpa*”.³⁶

As articulações entre filosofia e arte nos levam a pontuar os meios de pensar as relações entre corpo e mente de modo que entre um e outro ocorram sempre dobras. No caso da mente enquanto ideia do corpo aparece um problema: como pensar e agir sem o Eu? As respostas caminham em direção às dobras que configuram um dentro numa relação de proximidade com o fora. Não se trata somente de uma interioridade subjetiva

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

e, também de um exterioridade em relação aos objetos. As questões remetem sempre às dobras que constituem um dentro que difere de uma interioridade e de um fora que não se confunde com a exterioridade.

As estranhas despersonalizações, experimentadas por Sharon Stern, trazem essas preocupações em acompanharmos as fases pelas quais passam as nossas vidas, principalmente em nossas relações como participante de grupos de estudos dentro de instituições de ensino.

No primeiro semestre, em 2007, ela teve aulas com Katsura Kan, artista convidado do Naropa e um dos mais destacados coreógrafos e instrutores de Butoh, uma forma de dança japonesa pós-moderna. Um homem vigoroso e jovem de cinquenta e nove anos com a cabeça raspada, Kan era educado e um tanto distante. Ele estudou o zen-budismo por três décadas e deu instruções curtas e com forte sotaque que soavam como koans. “Buscar a porta para o neutro é abordar a transformação”, disse ele aos alunos. Stuber, em seu caderno, escreveu: “Butoh começa com o abandono de si mesmo”.³⁷

As artes demandam muitos e variados exercícios, no entanto, nem sempre podemos dizer que tudo vai bem e em direção aos êxitos. As vidas dos artistas estão sempre em regiões limítrofes. No nosso modo de compreensão, ao falarmos de arte e de artistas estamos falando de povos e de territórios, no limite de multiplicidades e multidões que não se reduzem aos indivíduos e pessoas humanas. Os acontecimentos envolvendo as vidas singulares, e os seres existentes, fazem com que tenhamos sensações de que não existam hierarquias entre os modos no sentido que Spinoza os define enquanto afecções da substância.

Kan mora no Japão, onde estudou com Tatsumi Hijikata, um dos dois coreógrafos creditados por estabelecer o Butoh como uma forma de arte distinta, na década de 1950. Foi originalmente chamado de ankoku butoh, a “dança das trevas”. A coreografia de Hijikata era assimétrica, erótica e hesitante, exigindo intenso controle muscular, e muitas vezes tinha um tom de pavor. Em uma de suas apresentações mais famosas, “*Story of Smallpox*”, Hijikata apareceu no palco curvado, parecendo fraco e doente. Ele fez movimentos quase imperceptíveis. O público ouviu o som do vento e o grasnar dos corvos.³⁸

O encontro da estudante universitária que torna-se dançarina, através de um processo de desfazimentos do ego e de seus conteúdos é algo não tão simples. As passagens que podemos dizer que são bruscas, por trazerem o que Spinoza chama da emulação do desejo e, também o que Deleuze denomina de devir-outro, requerem muitas pesquisas.

As boas despersonalizações, como já indicara Deleuze ao se reportar à experimentação filosófica, trazem relações que remetem ao amor e não somente em mergulhos na história do tema estudado. Não foram as pesquisas da história da dança Butoh que a fizeram sucumbir. O filósofo Gilles Deleuze destaca, por exemplo, como

³⁷ Ibidem.

³⁸ Ibidem.

podemos pensar nossas relações afetivas em termo de amor e, também de paixões. No caso, o filósofo expõe que o amor torna-se uma relação por indivíduos, pessoas e sujeitos. As paixões ocorrem a partir de relações que se tornam singularidades entre aquelas que constituem e compõem as vidas. Os contrastes entre os modos de vidas éticos-afetivos e os modos de vida morais-sentimentais-rationais são inteiramente perceptíveis em virtude das relações que os distinguem. Não é fácil dizer apenas que é pela razão que uma pessoa torna-se digna, principalmente quando estabelece uma atividade racional que regula suas tendências, inclinações e paixões. Não concordamos que tais atividades podem ocorrer sem as convivências entre vidas enquanto singularidades, jamais se trata de uma questão individual e pessoal: as multiplicidades de variações dos afetos não podem passar despercebidas.

Hijikata, que foi influenciado pelo surrealismo francês, ensinou seus aprendizes a entender o Butoh como inseparável da vida cotidiana. De acordo com a estudiosa do Butoh, Caitlin Coker, ele e seus alunos comiam juntos – “Havia até Butoh em comer uma refeição”, disse um dançarino – e ele os treinou para abandonar a ideia de expressão individual. Um ex-aprendiz, Waguri Yukio, disse que Hijikata recebeu telefonemas de pais dizendo: “Devolva minha filha”. Mas Hijikata costumava dizer: “A pessoa que é sequestrada se tornará a mais habilidosa”.

A vida de Sharon Stern passou por várias fases, entretanto, após manter contato com o Butoh, tudo realmente mudou em sua existência. Nos interessa as alternâncias das paixões e os pontos de inflexão para as ações. O ato de dançar implica desprendimentos para fazer as torções, contorções e os movimentos que desafiam as leis físicas. As discussões que dizem respeito ao problema entre corpo e mente entram nesses âmbitos de pesquisas e fases da vida da dançarina. As preocupações não são endereçadas somente aos estudos da vida desta dançarina, mas em tentar compreender como as pedagogias dos conceitos e afetos podem, de certo modo, contribuir para os cuidados com as potencializações das gerações futuras. As mutações psicofísicas precisam ser pesquisadas a partir dos aspectos intensivos dos afetos. Guattari já nos alertara dos efeitos glishocáricos³⁹ e também apontou para emulação do desejo pela via de Spinoza.

Em abril de 2012, Sharon decidiu no último minuto voar sozinha para Fortaleza, Brasil, para um workshop de Butoh, embora Kan a tenha aconselhado a não ir sem um amigo. Uma vez lá, ela escreveu a Kan com uma pergunta: “Ontem surgiu a ideia de que Butoh é sobre desconstruir corpo/ego, etc.” Ela acrescentou: “Então surge a pergunta: o que acontece depois da desconstrução de seu corpo/mente/ego?” Kan respondeu dizendo a ela que “Butoh não é simplesmente desconstruir corpo/ego, etc.” Ele sugeriu que ela revisitasse os ensinamentos de Hijikata, o co-fundador do Butoh, que havia descrito o Butoh como “reabilitação humana”, uma forma de se proteger e protestar contra a alienação da sociedade contemporânea.⁴⁰

³⁹ As considerações de Guattari sobre a impossibilidade dos afetos serem quantificados trazem o que denomina de transitividade e, também, o aspecto glishocárico que tem o sentido de pouco diferenciado, e indeterminado. Ver nota 18.

⁴⁰ *Ibidem*.

Gilles Deleuze expõe de modo sutil o que decorre quando não fazemos um exercício de pensarmos e sentirmos os limites de nosso corpo e mente. Enquanto não conhecermos o que pode um corpo, não podemos somente confiar na mente como se ela sozinha pudesse conhecer tudo sem ao menos tomar decisões a partir dos afetos e das experimentações dos pontos de inflexão em que passamos para as ações.

O que realmente quer Spinoza é definir a essência de cada um de uma maneira intensiva como uma quantidade intensiva. Enquanto vocês não conhecerem suas intensidades vocês se arriscam ao mau encontro e vocês terão que dizer: que é bom o excesso e a desmesura... Não a desmesura total, aí somente há fracasso, nada mais do que fracasso. Aviso para as superdoses. É precisamente o fenômeno do poder de ser afetado que é superado com uma destruição total.⁴¹

No caso, em que tratamos da vida singular da dançarina Sharon Stern, consideramos como estranhas despersonalizações essas regiões limítrofes entre êxtases e agonias. Os aprendizados com Spinoza aparecem, principalmente quando sublinha a emulação do desejo; não queremos tratar de histórias pessoais nem mesmo afirmar que a discípula teria uma disputa com seu mestre. Os nossos posicionamentos dizem respeito ao nosso tempo, onde os afetos passam a ser noções comuns entre Spinoza, Deleuze e Guattari.

Os nossos questionamentos e inquietações dizem respeito aos modos como as relações entre *pathos* e *Logos*, entre paixões e razão, tenderam às situações em que as consideramos somente no âmbito das patologias. Não é nada fora de propósito afirmarmos que as tendências de aumentos das psicopatologias são cada vez mais acentuadas.

As estranhas despersonalizações que apontamos têm essa relação com a pergunta da dançarina ao seu mestre à espera do que pode ser a resposta em relação à fase seguinte, após à desconstrução de valores como ego, corpo e mente. O que vemos são os conteúdos da subjetividade da dançarina que, mediante à indagação, expressa impasses e bloqueios. Os propósitos das relações entre crítica e clínica são justamente estes em que somos solicitados a pensar sobre as nossas práticas de convívios com os pensamentos de Spinoza, Deleuze e Guattari.

Em que ponto a filosofia da imanência de Spinoza, Deleuze e Guattari poderiam ter dado outros rumos na vida de Sharon Stern? A pergunta nos leva para o domínio não de afirmar que o homem é um animal racional; queremos sempre afirmar que o homem é antes de tudo, perpassado por singularidades que o leva a tonar-se em algumas circunstâncias um animal que imagina, um animal imaginativo.

Não hesitamos em dizer que a dançarina teria bons encontros mesmo experimentando de início um primeiro gênero de conhecimento, o conhecimento por ouvir dizer, sem conhecer as causas que provocaram certos efeitos de encantamentos e posteriormente de decepções. A questão é fazer torções da imaginação até a beatitude no sentido do que Spinoza sublinha em termos de passagens do primeiro gênero de conhecimento ao terceiro. Os percursos que se iniciam pelo primeiro gênero: o

⁴¹DELEUZE, Gilles, Op. cit., p. 55.

conhecimento por ouvir dizer, por ideias vagas, mutiladas e inadequadas passando pelas noções comuns até atingir o terceiro gênero. O segundo gênero de conhecimento para Spinoza requer a percepção mediante às afecções que determinados corpos nos causam, quais são as reverberações que sentimos a ponto de nos potencializarmos e tendermos para corpos nos afetam desta maneira para mais potência de pensar e agir. Spinoza possui o conceito de *plura simul*⁴² que remete ao conhecimento da essência de nossos modos de existir, assim como dos modos que se compõem conosco; além de entramos na intuição enquanto conhecimento da essência da *Natura naturans*. As boas despersonalizações são exercícios para atingirmos o terceiro gênero de conhecimento: a ciência intuitiva.

Seria um erro acreditar que basta tomar, enfim, a linha de fuga ou de ruptura. Antes de tudo, é preciso traçá-la, saber onde e como traçá-la. E depois ela própria tem seu perigo, que talvez seja o pior. Não apenas as linhas de fuga, de maior declive, correm o risco de serem barradas, segmentarizadas, [...] mas elas têm um risco particular a mais: virar linhas de abolição, de destruição, dos outros e de si mesma. Paixão de abolição.⁴³

As experimentações filosóficas na imanência têm as preocupações de sempre vincular ética, estética, ontologia política e ecologia no sentido de cuidar dos aspectos que dizem respeito aos modos de habitar, ser, de pensar e agir coletivamente produzindo meios de fomentar a liberdade. A filosofia da imanência em que Spinoza, Deleuze e Guattari trazem e aparecem em nossas pesquisas como blocos de intensidades; aos modos de afetos, perceptos e conceitos; nos dois primeiros casos (afetos e perceptos) remetem às criações do pensamento enquanto arte, e no último (conceitos), enquanto filosofia propriamente dita. Vejamos o que Deleuze- Guattari acrescentam nesses pontos:

Não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação (por "agentes coletivos" não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades). Ora, o nome próprio não designa um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. O nome próprio é a apreensão instantânea de uma

⁴² RAMACCIOTI, Barbara. "Chauí: *plura simul* na Ética de Espinosa". In: Cadernos Espinosanos n. 36 jan-jun 2017. A autora expôs de maneira singular o conceito de *plura simul* enquanto pluralidade simultânea a partir dos aprendizados com a professora filósofa Marilena Chauí. Chauí destaca duas ideias importantes que surgem neste escólio (eii, p 13). Em primeiro lugar: o grau de realidade de uma ideia e de seu objeto é determinado pela pluralidade simultânea, ou seja, pela aptidão de um corpo para fazer (agir) ou sofrer (padecer) em simultâneo muitas coisas e de uma mente para perceber muitas coisas em simultâneo. Portanto, "*plura simul* é: "[...] a aptidão de um corpo e de sua mente para a pluralidade simultânea de afecções e ideias, e a aptidão maior ou menor para essa pluralidade é o critério para determinar o grau de realidade de um corpo e de sua mente" (Chauí, 2016, p. 157). Em segundo: a superioridade é determinada pelo "critério da autonomia" do corpo e da mente, ou seja, "pela aptidão de um corpo para agir dependendo apenas de si próprio" e "de uma mente para entender adequadamente por depender apenas de si própria como causa única e completa de suas ideias" (Chauí, 2016, p. 157).

⁴³ DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire, (1998), Diálogos, São Paulo, editora Escuta, p. 162.

multiplicidade. O nome próprio é o sujeito de um puro infinitivo compreendido como tal num campo de intensidade.⁴⁴

A filosofia no século XXI traz as problematizações de como nos posicionaremos mediante os processos crescentes de estranhas despersonalizações.

Considerações finais

Os estudos aqui apresentados são incompletos, os seus pontos relevantes nos levam a continuarmos as pesquisas em torno das modalidades de despersonalizações. As nossas preocupações seguem as exortações de Gilles Deleuze em nos debruçarmos não apenas em torno das questões teóricas levantadas por Spinoza.

As tipologias de despersonalizações esboçadas, nestes estudos, possuem e trazem mais problemas que remetem às tensões entre os modos dos existências orientados pela moral kantiana, que considera a pessoa humana digna quando determina a sua vontade de modo racional. Nessa posição, a filosofia moral que fundamenta os costumes dispensa para as tendências e inclinações as determinações que não são regidas pelas leis da liberdade. Os aspectos dicotômicos e hierárquicos entre as leis da natureza e aquelas que são próprias das leis da liberdade deixam ressoar os discursos que colocam o corpo e a matéria em posições de inferioridade.

Ao apontarmos as experimentações da dançarina de Butoh, as denominando de estranhas despersonalizações, estamos aproximando o que Gilles Deleuze considera como relações imprescindíveis entre afecções e afetos e, também o que Félix Guattari sublinha enquanto os aspectos transitivistas do desejo. No caso da dançarina, ela possui, quando da indagação ao seu mestre, não um modo de comparação do espírito, através da utilização apenas de sua mente como se esta pudesse responder. A sua questão é que estava experimentando uma afecção que anunciava uma impotência de discernimento. A afecção que experimentava era de uma confusão real e a resposta era sempre de consulta ao mestre dos mestres.

Os aprendizados com Spinoza, Deleuze e Guattari trazem as instantaneidades das afecções e as durações dos afetos. Na pergunta da dançarina, sentimos que ela foi afetada a partir do instante que a pergunta foi expressa e das variações que levaram-na às paixões tristes. As afecções são instantâneas e os afetos duram e perduram – não podemos esquecer que as despotencializações duram –, principalmente quando caímos no hábito de pensar as subjetividades sem vínculos com os corpos e materialidades afetivas. A dançarina não estava comparando um estado de espírito em que poderia estar sem ego, corpo e mente; não se tratava da comparação entre estados, mas sim de variações entre afecções; por não se tratar de operações intelectuais e abstratas; a relevância da questão não remete às relações de presença e ausência de valores. As dores e angústias nas quais, em um estado, Sharon estaria na posse plena de valores e em outro

⁴⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. (1997), *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Volume 1), Rio de Janeiro, Editora 34, p. 48.

tudo desaparecia em termos morais: um em que possuía esses valores, outro em que não poderia mais tê-los.

A estranha despersonalização ocorreu justamente mediante a pergunta: o que vem após desconstruir o ego, corpo e mente?

As questões remetem às pedagogias dos conceitos inseparáveis dos afetos. Não se trata de comparações do espírito, somente de variações dos afetos que se repetem. Não podemos esquecer jamais que as vidas das pessoas variam. As durações indefinidas das existências singulares ocorrem nos encontros entre vidas as quais encontram meios de fazer experimentações que podem levar às boas, às más; e, também, se não tivermos muito cuidados, às estranhas despersonalizações.

Em pleno século XXI nos indagamos como fazer filosofia sem eu, mundo e Deus? A pergunta vai de encontro àquela da dançarina: o que acontece depois da desconstrução de seu corpo/mente/ego? As respostas filosóficas neste século variam no sentido de não mais recolocar a questão incidindo sobre o Ser e o sujeito. As novas indagações trazem as perguntas: como a vida, enquanto potência de errância, resistirá ao poder que a coloca como objeto? Como a vida singular pode ser pesquisada filosoficamente antes das espécies e gêneros? As questões trazem os problemas reais que perpassam a imanência.

As mutações que assistimos no século XXI são inseparáveis dos processos de despersonalizações, principalmente no que envolve as relações entre ética e política, nos fazendo pensar nos modos em que a filosofia se situa perante desafios que envolvem as diferentes e várias maneiras de lidar com vidas singulares.

Referências bibliográficas

- AVIV, Rachel. "The Unravelling of a By Rachel Aviv". In: New Yorker, March 30, 2020. <https://www.newyorker.com/magazine/2020/04/06/the-unravelling-of-a-dancer>.
- DELEUZE, Gilles. *A filosofia crítica de Kant*. Trad. Germiniano Franco. Lisboa-. Portugal: Edições 70, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990* / Gilles Deleuze; tradução de Peter Pál Pelbart. - São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*, tradução para o português Emanuel Angelo da Rocha Frago, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. - 3. ed. - Fortaleza: EdUECE, 2019, p. 55.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Junior e Alberto Alosno Muñoz, Rio de Janeiro, Editora 34, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1997), *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Volume 1), tradução Ana Lucia Oliveira, Rio de Janeiro, Editora 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DE MELLO. Paulo. "Posição gliscrocária: conhecê-la pode expandir seus recursos médicos e psicanalíticos". In: *Subjetividade e Processos Cognitivos*, vol. 23, não. 2, págs. 24-37, 2019.

-
- GUATTARI, Félix. 1989. "Ritournelles et Affects existentiels. In Cartographies schizoanalytiques". Paris: Éditions Galilée, p. 251-267, tradução de Cristina Throstenbergh Ribas, TER traduções, São Paulo, v. 4, n.1, p. 383-397, Out. 2019.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução Paulo Quintela, Edições 70, Lisboa, 2007.
- PIRES AURELIO, Diogo. In: *Tratado Político*, tradução, introdução notas Diogo Pires Aurélio, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- PUZIOL, Sidnei. "Butoh e a poética da Natureza de Kazuo Ohno". Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/simposiorfc/article/view/866/691> .
- RAMACCIOTI, Barbara. "Chauí: *plura simul* na Ética de Espinosa". In: Cadernos Espinosanos n. 36 jan-jun 2017.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Tradução Maria Lucia Mello Oliveira Cacciola, São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, Editora, 2009.
- SPINOZA, Baruch. *Tratado Político*. Tradução, introdução notas Diogo Pires Aurélio, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- TZELNI, Alex. "The Dangerous Art of Depersonalization". Disponível em: <https://tricycle.org/trikedaily/depersonalization> .
-

Recebido / Received: 21/06/2024
Aprovado / Approved: 06/05/2025